

## 4

### Memória do futuro: “tempo de esperança e de renovação”

#### 4.1

##### Guardiões do tempo: cuidando do futuro

Nas sociedades tradicionais, o velho é aquele que guarda em sua memória as tradições e os conselhos necessários para que o passado sempre permaneça vivo no presente, interligando o ontem e o hoje:

O velho, de um lado, busca a confirmação do que passou com seus coetâneos, em testemunhos escritos ou orais, investiga, pesquisa, confronta esse tesouro de que é guardião. Do outro lado, recupera o tempo que correu e aquelas coisas que quando perdemos nos sentimos diminuir e morrer.<sup>132</sup>

Recuperando esse papel de guardião da tradição, no conto “Chuva: a abensonhada”<sup>133</sup>, Mia Couto resgata os fatos da própria história de Moçambique, mesclando-os com as crenças do povo. Para relatar essas crenças, o escritor cria a personagem Tia Tristereza, uma senhora idosa, conhecedora das verdades populares e da forma como são divulgadas em seu país. Mesmo sendo uma mulher já em idade avançada, seu envelhecimento é visto como fonte de sabedoria. A concepção de velhice, então, reveste-se de respeito, pois a velhice conduziria à sabedoria e ligaria o passado e o presente.

A velhice, segundo essa visão de mundo, se encontrava relacionada, portanto, à noção de força vital e era, por isso, uma etapa prestigiada da existência humana. O envelhecimento e a juventude eram dicotomizados, pelo contrário, faziam ambos parte da “cosmicização” do existir e podiam ser comparados às árvores frondosas que se despojavam de suas folhas e tornavam a se recobrir de verde, todos os anos.<sup>134</sup>

Além de sofrer por causa das guerras, Moçambique teve de enfrentar os problemas climáticos, como a seca, fazendo com que a fome e a miséria crescessem

---

<sup>132</sup> BOSI, Ecléa, *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, p. 74.

<sup>133</sup> COUTO, Mia, *Estórias abensonhadas*, p. 43.

<sup>134</sup> SECCO, Carmen Lucia Tindó, *Além da idade da razão: longevidade e saber na ficção brasileira*, p. 11.

avassaladoramente. Logo, o povo clamava pela chegada da chuva, questionando a possibilidade de um recomeço e acreditando que esta só chegaria quando a guerra acabasse, pedindo aos deuses, em “rezas e cerimônias oferecidas aos antepassados”<sup>135</sup>, o fim da seca. Quando a chuva chega, é “cantarosa e abençoada”. Mia Couto, então, inicia o conto, caracterizando esta chuva tão esperada, criando um neologismo através da aglutinação de dois termos: *abençoar e sonhada*. O autor sela um acordo entre os acontecimentos e a sabedoria tradicional, pois a palavra abensonhada do título do livro *Estórias abensonhadas* relaciona-se à chuva que chega depois de um longo período de seca e ao fim da guerra.

Há esse enorme desafio no meu país de que a terra se reconcilie consigo própria, e eu escrevi um livro que se chama *Estórias Abensonhadas*. Esse termo *abensonhadas* surgiu no dia em que Moçambique, depois desse tempo amargo de guerra, conquistou a paz. Foi assinado o acordo de paz, e eu pensava que ia encontrar as pessoas festejando na rua, porque havia uma imensa alegria escondida por trás daquele acontecimento oficial. Mas ninguém saiu para a rua. Uma semana depois, sim, as pessoas saíram para a rua porque choveu. Então, eu vi que a mesma razão que ditava a guerra, que eram os antepassados, os deuses antepassados estavam zangados com os homens, esses mesmos deuses tinham aprisionado as chuvas. E o fato de eles terem liberado a chuva, agora significava que sim, que era verdade a notícia de paz; vinha não pelo rádio, não pelo jornal, mas pela própria chuva. Daí a chuva ser tida como abençoada, como sonhada, como abensonhada.<sup>136</sup>

Nesse conto, o autor reconstrói, brilhantemente, a paisagem de seu país antes e depois da chegada da chuva. Antes, “a terra perfumante parece a mulher em véspera de carícia, [...] o céu olhava o sucessivo falecimento da terra, e em espelho, se via morrer”<sup>137</sup>. Entretanto, quando a chuva cai “o chão, esse indigente indígena, vai ganhando variedades de belezas.”<sup>138</sup>

Mia Couto, através da personagem Tia Tristereza, ressalta a importância dos indivíduos mais idosos para a sociedade africana em geral, pois no conto é ela que detém as certezas sobre o mundo:

<sup>135</sup> Ibid., p. 44.

<sup>136</sup> COUTO, Mia, *Literatura e poder na África lusófona*, p. 62.

<sup>137</sup> COUTO, Mia, *Estórias abensonhadas*, p. 43.

<sup>138</sup> Ibid., p. 43.

— Nossa terra estava cheia do sangue. Hoje, está ser limpa, faz conta é essa roupa que lavei. Mas nem agora, desculpe o favor, nem agora o senhor dá vez a este seu fato?<sup>139</sup>

Essas certezas dão aos velhos a sabedoria necessária para que se entendam determinados mistérios. É o que acontece com Tia Tristereza que, mesmo diante dos temores do narrador que temia a chuva excessiva, pondera e demonstra sua sapiência, afirmando:

*De mais? Não, a chuva não esqueceu os modos de tombar, diz a velha. A água sabe quantos grãos tem a areia. Para cada grão ela faz uma gota. Tal igual a mãe que tricota o agasalho do ausente filho.*

Tristereza olha a encharcada paisagem e me mostra outros entendimentos meteorológicos que minha sabedoria não pode tocar. Um pano sempre se reconhece pelo avesso, ela costuma me dizer. Deus fez os brancos e os pretos para, nas costas de uns e outros, poder decifrar o Homem.<sup>140</sup>

Tia Tristereza acreditava que o tempo de sofrer havia acabado, a terra estava se lavando do passado. No final do conto, as opiniões da velha mulher se confirmam com o fim da chuva.

A chuva vai parando. Apenas uns restantes pingos vão tombando sobre o meu casaco. Tristereza me pede: não sacuda, essa aguinha dá sorte. E de braço dado, saímos os dois pisando charcos, em descuido de meninos que sabem do mundo a alegria de um infinito brinquedo.<sup>141</sup>

Ela tece seus conselhos alimentados por toda sua experiência de vida que os transforma numa verdadeira herança cultural guardada em sua memória. Os velhos são, portanto, os detentores dos mistérios e da magia do povo.

Na crônica “A sombra sentada”<sup>142</sup> o personagem Travage representa o homem que viveu, adquiriu experiências e ao envelhecer transmite seus conhecimentos aos mais jovens, em uma posição privilegiada, sendo “o depositário dos tesouros

<sup>139</sup> Ibid., p. 44.

<sup>140</sup> Ibid., p. 44.

<sup>141</sup> Ibid., p. 44.

<sup>142</sup> COUTO, Mia, *Cronicando*, p. 13.

comuns”<sup>143</sup>. Nesse quadro geral, as lembranças do velho desempenham um papel fundamental, já que por elas o vivido se transforma em contado, resgatando nesse processo a memória coletiva. Laura Padilha explica que “o principal traço de caracterização dos velhos é a sua memória ativa pela qual o passado retorna e se pode capturar a profunda fragmentação do presente”<sup>144</sup>. O velho Travage é, portanto, a representação da resistência a um tempo que tem a guerra presente em todos os momentos, transformando o solo fértil em um “chão esquelético” com seres de “almas moribundas”<sup>145</sup>. Mesmo assim, ele é respeitado por sua sabedoria, conforme demonstra o narrador.

Eu ia visitar o velho Travage, queria ouvir o seu conselho sobre os mundos. Travage tinha sido guarda da passagem de nível. Durante anos, a seu mando paralisavam os comboios. Levantava a bandeira e os ferros faiscavam travagens. Donde seu nome.<sup>146</sup>

Mia Couto valoriza a figura do velho ao manter sua ancestralidade, pois na narrativa são eles que conhecem os segredos e a magia do povo, transmitindo-os aos mais jovens ao contar suas histórias, resgatando através da memória toda a vivência de seus antepassados. Tudo isso torna-se claro na narrativa, através desse personagem que, mesmo cansado e doente, representa uma fonte de conhecimentos, a quem os mais jovens recorrem.

No pensamento do velho abundava o tempo. Esse era o gosto de o voltar a ver. Por esse gosto eu largara meus afazeres urbanos e me fizera aos trilhos. Ia seguindo pelos caminhos de terra, desses que nascem da conversa entre o chão e os pés viajantes. No atalho arenoso, as minhas pernas eram escolares, gémeas aprendizes da lonjura.<sup>147</sup>

O único fato que deixa Travage apreensivo é o ataque aos comboios, como demonstra a preocupação do narrador e do próprio personagem:

---

<sup>143</sup> PADILHA, Laura, *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*, p. 42.

<sup>144</sup> Ibid., p. 111.

<sup>145</sup> COUTO, Mia, *Cronicando*, p. 13.

<sup>146</sup> Ibid., p. 13.

<sup>147</sup> Ibid., p. 14.

— *A guerra está com fome: engole famílias, todas inteiras.*

O velho reentrara em si, cercado por suas próprias palavras. Olhando-o naquela inclinação dolorosa, fui pensando em como nos vamos desabitando da morte inocente, tanto é o crime. Porque o medo da sua perda me chegou como um pressentimento de luto. Porém, eu não temia que a vida daquele velho tropeçasse em doença ou se enroscasse na idade. Eu receava apenas que viessem de surpresa e o matassem.<sup>148</sup>

A crônica chega ao final com a recusa do velho, que não fica com os cigarros dados pelo narrador, e o pressentimento deste, que sente que nunca mais veria seu velho companheiro:

— *Alguma coisa está para acontecer: faz tempo que não ouço os comboios por estes lados. Tantíssimo tempo.*

Despedi-me do velho, sentindo que nunca mais voltaria a adoçar a minha alma naquela sombra sentada.<sup>149</sup>

O narrador se entristece com a perda da companhia de Travage, o “guardião” das tradições de seu povo, mas os ensinamentos do ilustre ancião são repassados ao narrador, que com eles adoça sua existência. No conto “A praça dos deuses”<sup>150</sup> há um personagem, Mohamed Pangi Patel, que não se conforma com as tristezas e misérias de sua aldeia, e ao saber da notícia do casamento de seu filho resolve celebrá-lo intensamente:

Festa igual nunca mais se iria ver naquelas paragens. Vieram músicos de Zanzibar, convidados de Mombaça, gentes do Ibo e Angoche. A festa demorou trinta dias de tempo. Em cada um desses dias, a praça se cobriu de mesas, recheadas de refeições. De manhã à noite, se exibiam comidas, de todas as espécies e quantidades. A ilha inteira vinha e se servia, às arrotadas abundâncias. Nenhum pobre sentiu, nesses dias, o beliscão do estômago. E nenhuma família dava afazeres à cozinha: mata-bicho, almoço e jantar decorriam na praça.<sup>151</sup>

O filho de Mohamed começa a preocupar-se com as despesas da festa, mas o pai lhe diz: “*Mais vale é nenhum pássaro na mão. Mais vale é ver a passarada*

<sup>148</sup> Ibid., p. 15.

<sup>149</sup> Ibid., p. 15.

<sup>150</sup> COUTO, Mia, *Estórias abensonhadas*, p. 131.

<sup>151</sup> Ibid., p. 131.

*desfraldando asas na paisagem. O céu, afinal, só foi inventado depois das aves.*”<sup>152</sup>

Demonstrando sua sabedoria, explica ao filho alguns ensinamentos adquiridos ao longo de sua vida.

— *Não se esqueça, filho: a vida é um perfume ! [...]*  
*... a gente traz esse perfume em nosso natural e congênito corpo. Esse odor, primeiro, se irradia, forte, contagioso. Se alguém cheirasse o mundo, nesse princípio, haveria de sentir só o nosso próprio aroma. Mas, depois, esse cheiro vai se diluindo. E a gente, para o sentir, tem de esforçar as narinas: uma dor de cabeça para o nariz. E assim, no adiante, já não há só a lembrança de um arrepio, até a pele da memória vai secando...*<sup>153</sup>

Através dessa explicação, que indica como o perfume da vida vai se extinguindo com o decorrer dos anos, o velho revela ao próprio filho a satisfação de realizar a festa. Devido às despesas do casamento, o velho pai perde tudo: suas inúmeras propriedades e as mercadorias de sua loja. Entretanto a alegria de Mohamed com a festa não termina, pois continua sentado no banco da praça, “em estado de lumbração, enquanto contemplava a infundável festa”<sup>154</sup>.

O filho se desespera e avisa ao pai que iria embora da ilha caso a festa não terminasse. Mohamed não se importa com esta ameaça, explicando a sua nora o verdadeiro motivo daquela imensa celebração.

Enfim, aquelas quantias tão despesadas eram para comemorar uma outra acontecimento. Naqueles dias, a ilha se despira da pobreza, nenhuma mãe medira o choro de seus filhos, os homens beberam não para esquecer mas para seivarem nas veias do tempo.

— *Deus haveria de gostar de um mundo assim. Esta praça eu ofereço a ele, me entende?*<sup>155</sup>

Ao expor suas verdadeiras razões, pede à moça que avise a seu filho que no dia seguinte a festa terminaria. Contudo, o velho não poderia mais retornar para casa, pois esta já não existia. “A praça era agora a sua casa. Ele morava na mesma praça

<sup>152</sup> Ibid., p. 132.

<sup>153</sup> Ibid., p. 132.

<sup>154</sup> Ibid., p. 132.

<sup>155</sup> Ibid., p. 133.

que ofertara aos deuses.”<sup>156</sup> No outro dia a festa termina, a única presença que resta na praça é Mohamed, sentado no banco, morto, com um estranho sorriso nos lábios.

A noiva foi a primeira a chegar-lhe. Se ajoelhou junto do corpo e retirou de seus cabelos as muitas, distraídas, pétalas caídas das altas árvores. Mas depois, quando já arrastavam o corpo, ela voltou juntar uma mão-cheia das perfumosas florinhas e as devolveu ao sogro. Mohamed Pangi Patel retirava-se da praça dos jacarandás polvilhado de eternidade.<sup>157</sup>

Mohamed transforma sua própria alegria em um ato coletivo que representa um sinal de resistência à pobreza e à miséria. No conto “O poente da bandeira”<sup>158</sup>, também há um personagem que representa a resistência ao processo de fragmentação das tradições moçambicanas: a avó de um menino que possui a incrível habilidade de sonhar o futuro. Nesse conto, Mia Couto desvenda as belezas existentes em seu país, em descrições extremamente minuciosas, compostas plasticamente para formar o universo moçambicano. No primeiro parágrafo, o autor expõe uma beleza infinita, como se pode notar no fragmento transcrito:

Aurorava. O sol dava as cinco. As sombras, neblinubladas, iam espertando na ensonação geral. No topo das árvores, frutificavam os pássaros. Toda madrugada confirma: nada, nesse mundo, acontece de súbito. A claridade já muito espontava, como lagarta luzinhenta roendo o fundo da existência. Nesse tempo uterino o mundo é interino. O céu se vai azulando, permeolhável. Abril: sim, deve ser demasiado abril. Agora, que a aurora já entrou nesse escrito, entremos nós no assunto.<sup>159</sup>

O menino é apresentado com a frase: “quem é este menino que faz do mundo outro menino ?”<sup>160</sup> Ignorando seu nome e sua origem local, o menino tem apenas uma avó com a qual desenvolve uma relação que o leva ao sobrenatural. Ela o corta para que ele possa sonhar, já que para sonhar o menino tinha que sangrar: “o sangue espontava e o menino presenciava o futuro.”<sup>161</sup>

---

<sup>156</sup> Ibid., p. 133.

<sup>157</sup> Ibid., p. 134.

<sup>158</sup> COUTO, Mia, *Estórias abensonhadas*, p. 51.

<sup>159</sup> Ibid., p. 51.

<sup>160</sup> Ibid., p. 51.

<sup>161</sup> Ibid., p. 51.

Com isso, surge um dos temas que figuram na obra de Mia Couto: os sonhos. Estes tornam-se presentes e reais, pois são eles que transportam narradores e personagens para as profundezas do inconsciente moçambicano, para os segredos da alma humana, despertando sensibilidades e emoções adormecidas. É o que ocorre nesse conto onde a avó é a responsável pelo “ato de sonhar do menino”.

Os sonhos têm a capacidade de retirar o menino de sua realidade, desarticulando a lógica natural do mundo, revelando o desconhecido. Seguindo o pensamento de Walter Benjamin, que considera sonhador aquele que alegoriza a realidade e não apenas sua história individual, este personagem passeia por seus sonhos a partir dos cortes feitos pela avó. Através dele, a realidade de Moçambique é alegorizada. Como mostra Walter Benjamin, sonhar significa “a construção de uma ponte, cuja função é reatar os elos com o passado e preparar os fundamentos do futuro”.<sup>162</sup>

É então que se dá o acontecimento principal do enredo: a morte do menino. Quando a criança passa pelo edifício municipal olha para a bandeira hasteada no edifício:

O pano dança dentro do céu, como luz que se enrugam. Um velho coqueiro sem copo serve de mastro. As cores do pano estão tão rasgadas que nada nele arco-irisca. Os olhos do miúdo pirilampejam de encontro à luz: é quando o golpe lhe tombou. Deflagra-se-lhe a cabeça, extracraniana.<sup>163</sup>

O soldado achando que a criança desrespeitava a bandeira, inicia uma série de agressões contra o menino, acertando-o com sua bota na cabeça. Golpeia-o várias vezes, pois o “soldado é totalmente militar: está só cumprindo ignorâncias, jurista de chumbo incapaz de distinguir um fora-da-lei de um lei-de-fora”<sup>164</sup>. Enquanto o menino sofre os violentos golpes, acontece o inesperado: a bandeira ergue-se como uma ave, voando pelo céu e logo após a palmeira despenca, matando o soldado. Finalizando o conto, há o relato cheio de sabedoria da avó:

<sup>162</sup> SECCO, Carmen Lucia Tindó, *Além da idade da razão: longevidade e saber na ficção brasileira*, p. 11-12.

<sup>163</sup> COUTO, Mia, *Estórias abensonhadas*, p. 52.

A árvore já estava morta, ainda houve o dito. Poucos criam. A crença estava com a avó, sua outra versão: o tronco se desmanchava, líquido, devido à morte daquela criança. Vingança contra as injustiças praticadas contra a vida. De se acreditar estavam apenas aquelas duas mortes, uma contra a outra. A palmeira sumiu mas para sempre ficara a sua ausência. Quem passe por aquele lugar escuta ainda o murmúrio das suas folhagens. A palmeira que não está conforta a sombra de um menino, sombra que persiste no sol de qualquer hora.<sup>165</sup>

Unindo o real e a ficção, o autor tenta manter viva, através da avó, as tradições. Mesmo havendo um processo de rupturas, dá ênfase na necessidade de ressaltar a cultura popular, produzindo sentidos que promovem a construção de identidades culturais.

As identidades culturais provêm de alguma parte, têm histórias. Mas, como tudo o que é histórico, sofre transformações constantes. Longe de fixas eternamente em algum passado essencializado, estão sujeitas ao contínuo “jogo” da história, da cultura e do poder. As identidades, longe de estarem alicerçadas numa simples “recuperação” do passado, esperam para ser descobertas e que, quando o for, há de garantir a percepção de nós mesmos na eternidade, são apenas os nomes que aplicamos às diferentes maneiras que nos posicionam, e pelas quais nos posicionamos, nas narrativas do passado.<sup>166</sup>

Mia Couto associa os conhecimentos da avó à capacidade que o menino tem de sonhar. Faz dos sonhos uma forma de cultivar a esperança, mesmo que a morte e a violência se tornem presentes com tanta veemência, e cria um caminho em que o destino de seu país será construído com a magia e com os mistérios armazenados na memória de Moçambique.

Criando esta nova perspectiva, Mia Couto traça um elo entre o velho e a criança em que o primeiro é o responsável pelo repasse das tradições e o segundo é o que as perpetuará. Mesmo sabendo que o futuro é incerto para Moçambique, busca na imaginação uma esperança ao afirmar que “afinal das contas, quem imagina é porque não se conforma com o real estado da realidade”. Transformando a criança na representação simbólica responsável de um novo amanhã, desperta a capacidade de sonhar, adormecida pelos tempos difíceis.

---

<sup>164</sup> Ibid., p. 52.

<sup>165</sup> Ibid., p. 53.

<sup>166</sup> HALL, Suart, *A identidade cultural e diáspora*, p. 61.

## 4.2 Repensando o futuro

A infância, esse tempo mais inventado que vivido, é um ancoradouro, retaguarda e inspiração de toda aventura. E a vida do poeta passa a ser erguida com os mesmos materiais da infância – magia e invenção.

Mia Couto

No elo criado por Mia Couto, o velho é o que detém a sabedoria e o responsável pelo repasse das tradições, enquanto a criança é a que absorve as experiências passadas. A criança aparece, portanto, em vários contos e crônicas desse autor como portadora de um tempo privilegiado de aprendizado, no qual os costumes, os hábitos, a magia e os mistérios da cultura moçambicana podem ser reinventados.

A criança recebe do passado não só os dados da história escrita, mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória.<sup>167</sup>

A criança é o ser responsável pela continuidade da memória cultural, ao compreender “uma gama diferenciada de formas de percepção e práticas que têm como pressuposto tanto o presente, quanto o passado”<sup>168</sup>. Interiorizando todos os ensinamentos e os conselhos passados, interage no conjunto existente recriando a experiência.

O adulto alivia seu coração do medo e goza duplamente sua felicidade quando narra sua experiência. A criança recria essa experiência, começa sempre tudo de novo, desde o início.<sup>169</sup>

A criança possui a capacidade de recomeçar, de buscar uma nova realidade. É aquela que recria, usando a simplicidade e a ingenuidade próprias do universo

<sup>167</sup> BOSI, Ecléa, *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, p. 73.

<sup>168</sup> SANTOS, Mirian Sepúlveda dos, *Teoria da memória, teoria da modernidade*, p. 102.

<sup>169</sup> BENJAMIN, Walter, *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*, p. 247-248.

infantil. Mia Couto ressalta, em suas estórias, temas que expõem a realidade pós-colonial de Moçambique, transportando a infância para este espaço.

O autor procura “um mundo em estado de infância” e nesse sentido brinca com a língua, trazendo para sua obra a necessidade de reencontrar uma maneira de olhar para o mundo sempre aberta às inovações. O próprio autor, em uma entrevista, quando questionado a respeito de a emoção ser um fato cada vez mais presente em seus livros, responde:

Isso é algo que aceito com alguma obstinação. Nunca me sentei a pensar e disse: “Agora vou fazer assim, vou usar este método.” Mas, agora, “*a posteriori*”, eu acho que me interessa reabilitar um sentimento de infância que está escondido. Uma espécie de estado de infância. Como se quisesse olhar o mundo com esta habilidade que só as crianças têm. Não é uma atitude romântica. Acho que a criança tem capacidades que fomos ensinados a perder: a capacidade de se deslumbrar, de se espantar, de olhar o mundo como se ele não estivesse ainda fechado e acabado. Tenho conseguido reascender da infância usando uma língua que também está em estado de infância, que não está acabada. Quando consigo isso, passo a ter um pensamento mais criativo, passo a ter uma relação com o mundo. Como se o mundo ainda estivesse em fabricação e eu pudesse brincar com ele. O que acontece comigo acho que também poderia acontecer com os outros.<sup>170</sup>

Relacionando a criança aos poetas, cita a constante atividade de inventar e de buscar a magia e a fantasia, através dos pequenos detalhes da vida. Mia Couto traça um quadro em que redescobre o seu país com uma série de representações simbólicas pelas quais se evidencia a perspectiva de um amanhã melhor. Nessas representações, destaca a infância como uma época de recuperação de um passado perdido para a construção de um futuro sonhado.

O novo e o velho, juntos interativamente articulados [...] Restabelece-se a antiga dialogia, mas com outras implicações ideológicas, como o momento de reconstrução exige. Já não é mais possível reafirmar o velho pelo velho, acriticamente, pois este velho se faz também outro, pelo processo de transformação pelo qual o novo recria, além de ser por ele moldado. Com essa troca a interação velho/novo se torna, nas malhas do moderno tecido-texto, cada vez mais intensa e fecundante, com a tradição e a transformação recriando-se mutuamente.<sup>171</sup>

<sup>170</sup> Entrevista de Mia Couto ao Jornal Público Mil Folhas – 28/09/02.

<sup>171</sup> PADILHA, Laura, *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*, p. 142.

Não existe o novo sem o velho, ambos interagem paralelamente. A infância representa, assim, este tempo de aprendizado em que a memória se preserva, transformando o presente e modificando o futuro. Com isso, a infância aparece nas narrativas de Mia Couto como o tempo em que os ensinamentos são passados. As crianças enfrentam determinados problemas, mas preservam, através do sonho e da imaginação, a esperança do nascimento de uma nova nação.

Nem sempre a infância sugere renovação, pois Moçambique sofre com as guerras e muitas vezes essa situação se reflete na vida das crianças. No conto “O apocalipse privado do tio Geguê”<sup>172</sup>, em que um menino sem nome, de filiação desconhecida, pois “seus pais abandonaram a herança de suas vidas”<sup>173</sup>, tem como referencial seu tio Geguê. A narrativa inicia-se a partir do argumento de que todos os homens são seres mutáveis, que passam por transformações, sendo vários seres ao mesmo tempo.

História de um homem é sempre mal contada. Porque a pessoa é em todo o tempo, ainda nascente. Ninguém segue uma única vida, todos se multiplicam em diversos e transmutáveis.<sup>174</sup>

Ao afirmar sua origem desconhecida, o menino relata a importância de Geguê em sua vida, pois é ele que o sustenta e lhe transmite ensinamentos, nesse sentido, Geguê possui essas funções na vida do menino, como admite o próprio personagem em tom autobiográfico.

O único que tive foi Geguê, meu tio. Foi ele que olhou meu crescimento. Só a ele devo. Ninguém mais pode contar como eu fui. Geguê é o solitário guarda dessa infinita caixa onde vou buscar meus tesouros, pedaços de minha infância.<sup>175</sup>

O menino passa a relembrar inúmeros fatos ocorridos em sua infância, como o escasso diálogo entre ele e o tio, a origem desconhecida de seu sustento e até mesmo

<sup>172</sup> COUTO, Mia, *Cada homem é uma raça*, p. 29.

<sup>173</sup> Ibid., p. 29.

<sup>174</sup> Ibid., p. 29.

<sup>175</sup> Ibid., p. 29.

“lições de esperança quando já havia desfalecido o futuro”<sup>176</sup>. Sentindo a falta de seus pais, sonha com sua mãe no dia em que Geguê traz para casa uma “bota veterana”.

Sonhava de olhos abertos. Mais que abertos: acesos. Sonhar com minha mãe, era ela, eu sei, embora que nunca lhe vi. Mas era ela, não havia outra doçura assim. Me segura os braços e me chamou: filho, meu filho. Eu me arrepiei, nunca aquelas palavras tinham pousado na minha alma. Ela, o que queria? Nada, só me vinha pedir bondades. Eu que não virasse as costas ao coração. O meu comportamento – essa seria sua recompensa. Mãe, chamei eu, me leve daqui. Mas ela não me escutava, parecia as minhas palavras tombavam antes de lhe tocar. Ela continuava seus conselhos, insistindo no valor das bondades.<sup>177</sup>

O menino acorda com muita febre. A tensão da narrativa aumenta quando Geguê retorna para casa com uma braçadeira vermelha onde estavam pintadas letras negras: GV — Grupo de Vigilância. Seu tio torna-se vaidoso e convencido com sua nova posição, passando a dar ordens de marcha militar e a dormir fardado. Surge Zabelani, fugindo dos terrores do campo, devido ao desaparecimento misterioso de seus pais. A menina fica na casa de Geguê e o menino se encanta com ela. Seu tio adverte sobre a possibilidade de um envolvimento entre os dois. As advertências são expostas em forma de provérbios:

Proverbiava: duas árvores só atrapalham o caminho. Vocês, juntos, me vão trazer grande chatice. Enquanto matabichávamos ele me aconselhava, em vagas dicções. A redondura das ilhas é o mar que faz. A beleza dessa menina, meu sobrinho, é você que lhe põe. As mulheres são muito extensas, a gente viaja-lhes, a gente sempre se perde.[...] Geguê prossegue. Eu que freqüentasse a quantidade e a variedade. Mas nunca, nunca aplicasse despesa em nenhuma mulher.<sup>178</sup>

Os meninos acabam se envolvendo, mas quando Geguê descobre, leva-a embora. O menino sofre muito, seu tio lhe dá ordens para que instaure a desordem nas redondezas: “espalhando confusões, divulgando o medo”. Geguê justifica seu desejo afirmando “que não há milícias, existindo a paz”. Mesmo discordando do pedido do tio, seu sobrinho cumpre suas ordens como condição para que Geguê revele o paradeiro de Zabelani.

---

<sup>176</sup> Ibid., p. 30.

<sup>177</sup> Ibid., p. 31.

As maldades se realizam, Geguê entrega ao sobrinho uma espingarda, aos poucos surge uma guerra a partir das atitudes dos dois.

Ali já ninguém era dono de longas circunstâncias. Casa, carro, propriedades: tudo se tinha tornado demasiadamente mortal. Tão cedo havia, tão cedo ardia. Entre os mais velhos já se espalhara saudade do antigamente.<sup>179</sup>

Mia Couto traz para a narrativa um dos costumes do povo moçambicano que é a pesca do ndoé, “pescaria que se faz na terra e não no mar. Os homens trazem lanças e espetam o chão, à procura dos buracos onde vive o peixe ndoé no tempo da seca”<sup>180</sup>. O autor relaciona a pescaria ao reencontro com a bota veterana em pleno matope, o menino lava a bota, resolve enterrá-la; inventando em sua imaginação “uma cerimônia como os toques da banda militar, o drapejo de mil bandeiras.”<sup>181</sup>

O menino volta para casa, encontra Geguê desnordeado, pois a confusão e as maldades haviam aumentado. Seu sobrinho pergunta-lhe sobre o paradeiro de Zabelani: quando o tio o revela, parte ao encontro da menina, mas quando chega até a sua casa, o menino descobre que ela havia partido com um milícia. Achando que o tio havia sido responsável pelo desaparecimento de Zabelani, acaba disparando um tiro contra o homem, fugindo logo em seguida. O conto termina com a reflexão do menino sobre sua própria atitude.

Agora penso: nem me merece a pena saber do destino daquela bala. Porque foi dentro de mim que aconteceu: eu voltava a nascer de mim, revalidava minha antiga orfandade. Ao fim, eu disparava contra todo aquele tempo, matando esse ventre onde, em nós, renascem as falecidas sombras deste velho mundo.<sup>182</sup>

Tentando apagar o sofrimento causado pelos ensinamentos equivocados do tio, o menino renasce a partir do sofrimento, ratificando a afirmação de Walter Benjamin de que “o mundo perceptivo da criança está marcado pelos traços da

---

<sup>178</sup> Ibid., p. 36.

<sup>179</sup> Ibid., p. 40-41.

<sup>180</sup> Ibid., p. 41.

<sup>181</sup> Ibid., p. 42.

<sup>182</sup> Ibid., p. 45.

geração anterior”<sup>183</sup>. Este personagem sofre com as conseqüências de sua orfandade, com a falta de carinho e, principalmente, com as imposições cruéis de seu tio Geguê, fazendo com que revalidasse sua antiga e permanente orfandade com violência.

Apesar disso, para Mia Couto, são as crianças que têm capacidade de renovar gradativamente as afetividades.

### 4.3 Recriando a realidade

Mia Couto reabilita a infância como uma forma peculiar de ver o mundo. Na crônica “O viajante clandestino”<sup>184</sup>, o personagem central da narrativa é um menino que possui a capacidade de deslumbrar-se, de fantasiar, de espantar-se com as verdades e as certezas do mundo com a pureza que somente as crianças têm.

A narrativa inicia-se com a mãe corrigindo o filho: “ — *Não é arvião. Diz-se: avião*”<sup>185</sup>. O menino demonstra grande criatividade e espontaneidade, livre das convenções sociais e das normas cultas da gramática e da ortografia, revelando, com isso, todo o lirismo próprio do universo infantil.

Mia Couto aproxima a capacidade de imaginar das crianças da própria capacidade de inventar do poeta, pois ambos são seres “em estado de poesia”, que se deslocam do mundo real e decolam através da fantasia em busca de uma realidade mágica. Cumprindo este objetivo, a crônica traz um narrador que assiste às atitudes do menino, tecendo suas reflexões e análises do ponto de vista infantil.

O menino estranhou a emenda de sua mãe. Não mencionava ele uma criatura do ar? A criança tem a vantagem de estrear o mundo, iniciando outro matrimônio entre as

<sup>183</sup> BENJAMIN, Walter, *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*, p. 250.

<sup>184</sup> COUTO, Mia, *Cronicando*, p. 21.

<sup>185</sup> *Ibid.*, p. 21.

coisas e os nomes. Outros a elas se assemelham, à vida sempre recém-chegando. São os homens em estado de poesia, essa infância autorizada pelo brilho da palavra.<sup>186</sup>

Esse narrador observa atentamente o menino, “que viajava por seus infinitos”<sup>187</sup>, pensando e repensando a infância em toda a sua potencialidade.

Eu assistia a criança. Procurava naquele aprendiz de criatura a ingenuidade que nos autoriza a sermos estranhos num mundo que nos estranha. Frágeis onde a mentira credencia os fortes.<sup>188</sup>

A mãe do menino representa, na narrativa, as convenções sociais institucionalizadas. Com as visões adultas que definem o certo e o errado, o que é permitido ou não, ela afasta-se do universo infantil, espontâneo e ingênuo. O menino mostra essa espontaneidade ao afirmar que iria se despedir do “passaporteiro”. No entanto, sua mãe o corrige.

Primeiro, não ia a nenhuma parte. Segundo, não se chamava assim ao senhor dos passaportes. Mas só no presente o menino se subditava. Porque, em seu sonho, mais adiante, ele se proclama:

— *Quando for grande quero ser passaporteiro.*<sup>189</sup>

Desejando ser passaporteiro, o menino fingia ser uma aeronave passeando por entre as pernas dos passageiros. Sua mãe continuava a repreender o filho, tornando-se incapaz de acompanhá-lo em suas viagens infantis. A narrativa chega ao final quando o menino repentinamente vê um sapo, deslumbrando-se com aquele passageiro inesperado.

Chuviscava. O menino seguia seus passos quando, na lisura do alcatrão, ele viu o sapo. Encharcado, o bicho saltitava. Sua boca, maior que o corpo, traduzia o espanto das diferenças. Que fazia ali aquele representante dos primórdios, naquele lugar de futuros apressados?<sup>190</sup>

---

<sup>186</sup> Ibid., p. 21.

<sup>187</sup> Ibid., p. 21.

<sup>188</sup> Ibid., p. 21-22.

<sup>189</sup> Ibid., p. 22.

<sup>190</sup> Ibid., p. 22.

O final da crônica torna-se surpreendente quando o narrador assume totalmente a postura de cúmplice do menino ao vivenciar juntamente com a criança o aparecimento do sapo. Aliados naquela travessura, transgridem a lógica proveniente do mundo convencional. Esse acontecimento torna-se perceptível somente à criança e ao narrador, pois os dois enxergam os pequenos detalhes da vida pela capacidade de imaginar.

Do meu assento eu podia ver a tristeza desembrulhando líquidas missangas no seu rosto. Fiz-lhe sinal, ele me encarou de soslado. Então, em seu rosto se acendeu a mais grata bandeira de felicidade. Porque do côncavo de minhas mãos espreitou o focinho do mais clandestino de todos os passageiros.<sup>191</sup>

Representando esta capacidade de recriar a realidade através da magia e do despertar dos mistérios, no conto “Cataratas do céu”<sup>192</sup>, um menino órfão se vê obrigado a morar com os tios na cidade. Entretanto, a criança não se adapta àquele ambiente urbano, pois a cidade o assusta, e recusa-se a sair de casa. Sempre triste e calado, o menino “era desses que a guerra deslocou não só de endereço mas de vida”<sup>193</sup>. Esse deslocamento transforma a vida do menino pois, a partir desse processo de rupturas, seus referenciais modificam-se. Ele passa por uma experiência de fragmentação em suas relações sociais, o tio a se preocupar com o estado do menino. A tia pondera, com receio de magoá-lo, pois já havia sido castigado com a guerra.

*Deixa-lhe, marido:* era conselho da velha tia. Ela entendia de feridas e sofrências. Quando o pão é magro quem escasseia é o homem. Sabe-se o que aquele menino passara, lá de onde vinha? O marido que se dispensasse. Aquilo era assunto de ternura e mãe.<sup>194</sup>

O homem não se convence, afirmando que “a guerra é que deslocou-se para dentro dele”<sup>195</sup>. Resolve levá-lo para o aeroporto a fim de que o barulho dos aviões o despertasse daquele estado letárgico. Não entendia que aquele barulho trazia para o

---

<sup>191</sup> Ibid., p. 23.

<sup>192</sup> COUTO, Mia, *Contos do nascer da terra*, p. 229.

<sup>193</sup> Ibid., p. 229.

<sup>194</sup> Ibid., p. 229-230.

<sup>195</sup> Ibid., p. 230.

menino a memória da guerra e da morte de seus pais e pensa que estava fazendo o certo.

O que ele precisa é o céu se abrir para ele. Compreende, mulher? A terra está cheia de ferida, não traz consolo nem ombro pra ninguém. O céu é que, agora, tem que se abrir para ele.<sup>196</sup>

O menino após o passeio ao aeroporto surpreende a todos ao afirmar que desejava ser um avião. Todos riam dele, que fica totalmente calado e isolado no quarto, “os braços cumpriram ordem de serem asas, o corpo duro, quase metálico”<sup>197</sup>. Seu tio não entende a decisão e tenta reverter a situação, levando-a novamente ao aeroporto. A crônica chega ao final em aberto, quando o menino chega ao aeroporto, “desatou correndo, roncando seus fantasiosos motores, [...] de encontro ao sol”<sup>198</sup>.

Ao criar o desejo do menino de se transformar em um avião, Mia Couto mistura a realidade e a fantasia. Esta metáfora adquire vários significados, podendo ser interpretada como a solução para o sofrimento do menino em virtude da ausência dos pais. Numa reação à sua inaptação ao ambiente urbano, transforma-se em avião, com o objetivo de encontrar-se com seus pais. Outra interpretação possível é a visão do próprio narrador do texto que vê naquele fantasioso vôo uma possibilidade de sanar o sofrimento do povo moçambicano causado pela guerra: “o céu está padecendo de cataratas, repentinas névoas que impedem Deus de nos espreitar”<sup>199</sup>.

Mia Couto traz como solução para sanar este sofrimento o reencontro com a capacidade de sonhar: o menino sonha com uma realidade diferente, “unindo o terrestre ao aéreo, subindo e descendo nas próprias palavras faz a linguagem sonhar”<sup>200</sup>. Os sonhos em Mia Couto adquirem a função de reensinar aqueles que tiveram suas vidas modificadas radicalmente pela guerra a abrirem seus corações em busca das emoções e do amor.

---

<sup>196</sup> Ibid., p. 230.

<sup>197</sup> Ibid., p. 231.

<sup>198</sup> Ibid., p. 231.

<sup>199</sup> Ibid., p. 232.

<sup>200</sup> BACHELARD, Gaston, *A água e os sonhos*, p. 43.

Mitos, ritos e sonhos são caminhos ficcionais trilhados pelas narrativas de Mia Couto que enveredam pelos labirintos e ruínas da memória coletiva moçambicana como uma forma encontrada para resistir à morte das tradições causada pelas destruições advindas da guerra. As úlceras deixadas nas paisagens são deploradas pela escritura mitopoética do autor, cujo lirismo funciona como bálsamo cicatrizante e cuja lucidez política serve para abrir os olhos do povo, numa tentativa de curar a cegueira reinante em Moçambique, nos atuais tempos pós-coloniais.<sup>201</sup>

Transformando a realidade a partir dos sonhos, Mia Couto valoriza a magia e o encanto de seu povo, através do despertar das tradições e da manutenção da memória cultural. Garante, portanto, a existência da experiência coletiva que é passada pelos velhos e acolhida pelas crianças, relacionando tempos diferenciados, mas partilhados mutuamente. Tentando salvar o passado no presente através do entrecruzamento dos fatos ocorridos e suas conseqüências, faz com que ambos se transformem.

Transforma o passado porque este assume uma forma nova que poderia ter desaparecido no esquecimento, transforma o presente porque este se revela como sendo a realização possível dessa promessa anterior, que poderia ter-se perdido para sempre, que ainda pode se perder se não a descobrirmos, inscritas nas linhas atuais.<sup>202</sup>

A preocupação de não perder o passado no presente surge nas narrativas de Mia Couto como um posicionamento político, reinventando uma possibilidade de um novo amanhã para Moçambique, a partir das crianças. No conto “O cego Estrelinho”<sup>203</sup> há um personagem que se chama Gigito que tem a função de guiar o cego. No entanto, o menino vê o mundo com os olhos da imaginação, “o que descrevia era o que não havia. O mundo que ele minuciava eram fantasias e rendilhados.”<sup>204</sup> Transforma, assim, o presente de Estrelinho em algo agradável e maravilhoso.

<sup>201</sup> SECCO, Carmen Lucia Tindó, *O ar, as águas e os sonhos no universo poético de Mia Couto*, p. 161

<sup>202</sup> BENJAMIN, Walter, *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*, p. 16.

<sup>203</sup> COUTO, Mia, *Estórias abensonhadas*, p. 21.

<sup>204</sup> *Ibid.*, p. 21.

A mão do guia era, afinal, o manuscrito da mentira. Gigito Efraim estava como nunca esteve S. Tomé: via para não crer. O condutor falava pela ponta dos dedos. Desfolhava o universo, aberto em folhas. A ideação dele era tal que mesmo o cego, por vezes, acreditava ver. O outro encorajava esses breves enganar.<sup>205</sup>

O menino torna-se, portanto, o ponto crucial da vida de Estrelinho, guiando-o e enxergando o mundo de forma tão peculiar, transformando-o em “maravilhação”. Estrelinho desespera-se com a possibilidade da separação de seu guia, ao anoitecer o menino se afasta e “era como se um novo escuro nele se estreasse em nó cego.”<sup>206</sup> Esse medo faz com que Estrelinho confesse a Gigito: “se você morrer, tenho que morrer logo no imediato. Senão-me: como acerto o caminho para o céu?”<sup>207</sup>

Gigito transforma a vida de Estrelinho a partir da sua capacidade de imaginar um mundo diferente, reinventando a realidade que passa a formar uma série de imagens variadas na memória do cego. Dessa forma, o cego tem a noção de um mundo formado pela invenção do menino. Estrelinho recria a realidade de forma ilimitada.

Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois.<sup>208</sup>

Gigito é retirado deste mundo de invenções, pois é obrigado a encaminhar-se para a guerra. O cego não se conforma com a nova situação, ficando triste e desesperado.

No tempo que seguiu, o cego falou alto, sozinho como se inventasse a presença de seu amigo: *escuta, meu irmão, escuta esse silêncio. O erro da pessoa é pensar que os silêncios são todos iguais. Enquanto não: há distintas qualidades de silêncio. É assim o escuro, este nada apagado que estes meus olhos tocam: cada um é um, desbotado à sua maneira.*<sup>209</sup>

<sup>205</sup> Ibid., p. 22.

<sup>206</sup> Ibid., p. 22.

<sup>207</sup> Ibid., p. 22.

<sup>208</sup> BENJAMIN, Walter, *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*, p. 37.

<sup>209</sup> COUTO, Mia, *Estórias abensonhadas*, p. 23.

Gigito antes de partir promete ao cego que sua irmã Infelizmina iria substituí-lo. A menina passa a conduzir o cego com “discrições e silêncios”<sup>210</sup>, pois não possui a mesma “sabedoria de inventar”. Descreve “os tintins da paisagem, com senso e realidade. Aquele mundo a que o cego se habituara agora se desiluminava”<sup>211</sup>. A tristeza invade a vida de Estrelinho e ele deixa de comer, de pedir, de queixar-se. Infelizmina passa a ampará-lo e os dois se afeiçoam. Um dia ela sonha com a garça branca e ao acordar recebe a notícia da morte de Gigito. A moça fica muito triste. Para consolá-la, Estrelinho passa a descrever o mundo, reinventando tudo que existe ao seu redor.

O cego lhe conduziu para a varanda da casa. Então, iniciou de descrever o mundo, indo além dos vários firmamentos. Aos poucos foi despontando um sorriso: a menina se sarava da alma. Estrelinho miraginava terras e territórios. Sim, a moça, se concordava. Tinha sido em tais paisagens que ela dormira antes de ter nascido. Olhava aquele homem e pensava: ele esteve em meus braços antes da minha actual vida. E quando já havia desvencilhado da tristeza ela lhe arriscou de perguntar:

— *Isso tudo, Estrelinho? Isso tudo existe aonde ?*

E o cego, em decisão de passo e estrada, lhe respondeu:

— *Venha, eu vou-lhe mostrar o caminho!*<sup>212</sup>

Gigito possui o dom de enxergar o mundo com os olhos da imaginação, criando uma realidade que não existe, mas que transforma o dia-a-dia de Estrelinho, ao transportá-lo para um ambiente mais suportável do que a escuridão que enfrenta devido a sua cegueira. Estrelinho, ao ver Infelizmina tão triste com a morte do irmão, passa a descrever o mundo de modo semelhante a Gigito, reacendendo na moça sua vontade de viver.

Nesse conto, o objetivo de Mia Couto é claramente explícito, pois o autor acredita que o povo moçambicano já havia sofrido demasiadamente e que com isso as pessoas haviam perdido a capacidade de amar e imaginar. Era necessário, portanto, que reaprendessem a sonhar.

Essa capacidade de sonhar nasce de Gigito que não vê uma forma mais amena de mostrar a realidade a Estrelinho e resolve recriá-la usando sua imaginação. Mia

---

<sup>210</sup> Ibid., p. 24.

<sup>211</sup> Ibid., p. 24.

<sup>212</sup> Ibid., p. 25.

Couto mostra através do menino que é necessário acreditar nessa capacidade de sonhar, suprindo o vazio da experiência cotidiana. Gigito passa esta habilidade a Estrelinho que inicia o mesmo processo com Infelizmina, dando continuidade ao sonho e à recriação da realidade.

No conto “O coração do menino e o menino do coração”<sup>213</sup>, Mia Couto relata a belíssima estória de uma criança que nasce aparentemente normal, mas que começa a andar, nota-se “o envesienamento nos pezinhos, cada um não sendo como cada qual”<sup>214</sup>. Quando cresce, seus familiares percebem outros problemas:

O rapaz engrumava as falas, tatebitudo. Os outros não entendiam mais que cuspes e assobios, até os parentes o escutavam com riso parvo de quem finge concordância. Não há medo maior que não se entender humana a voz de outra pessoa.<sup>215</sup>

Ao levar a criança ao hospital para verificar os problemas do menino, o médico avisa à mãe que ele precisa ficar para fazer outros exames, pois possui uma doença indeterminada, sem um nome específico. O doutor assusta-se quando escuta o seu coração e percebe a intensidade das suas batidas.

O doutor lhe mergulhou o ouvido no peito e se ensurdeceu de tanto coração. O menino tinha o pulsar à flor da pele. O médico parecia entusiasmado com o inédito caso.<sup>216</sup>

O menino escreve cartas para sua prima Marlisa, por quem estava apaixonado. Entretanto a menina não as lê, achando que “nem valia a pena espreitar a caligrafia do atarantonto”<sup>217</sup>. O menino morre, os médicos tiram-lhe o coração, que é descrito como “o universátil músculo, enormíssimo, como um planeta carnudo”<sup>218</sup>.

<sup>213</sup> COUTO, Mia, *Contos do nascer da terra*, p. 241.

<sup>214</sup> *Ibid.*, p. 241.

<sup>215</sup> *Ibid.*, p. 241.

<sup>216</sup> *Ibid.*, p. 241.

<sup>217</sup> *Ibid.*, p. 241.

<sup>218</sup> *Ibid.*, p. 242.

No final, quando sua prima começa a ler suas cartas, percebe que estas não são simples cartas, mas sim “versos de lindeza que nem cabiam no presente mundo”<sup>219</sup>. No instante em que as lê acontece algo inacreditável:

Mal se rasgou o primeiro envelope, o coração do primo deflagrou em sobressalto. Um oh se estilhaçou nos visitantes. E à medida que Marlisa, mais longe que mil paredes, ia desfolhando versos, o coração mais se deslumbrava, tremelusco-fuscando. Até que, daquele novelo vermelho, se viu desprender um braço, mais adiante um pé e a redondez de um joelho e mais argumentos que faziam valer o facto: aquele coração estava em flagrante serviço de parto! E se confirmava, vinda das entranhas do útero cardíaco, uma total recém-criança.<sup>220</sup>

O ser que surge do coração é totalmente semelhante ao menino, tendo apenas uma diferença: “os pés do nascido eram divergentes, como quem viesse procurar, fora de si, gente de outras estórias”<sup>221</sup>. Com isso, Mia Couto mescla o simples e o complexo, o real e o irreal, transcendendo mais uma vez a noção do que é possível, mostrando a importância de uma concepção diferente da realidade para o futuro da cultura moçambicana.

#### 4.4 O despertar das tradições

No conto “O embondeiro que sonhava pássaros”<sup>222</sup>, Mia Couto conta a estória do velho passarinho, um homem sem nome que passa pelo bairro dos brancos todas as manhãs, carregando suas enormes “gaiolas aladas, voláteis. Dentro delas os pássaros esvoavam suas cores repentinas”<sup>223</sup>. As crianças daquela localidade adoravam aquele espetáculo. A residência do passarinho era um buraco no interior de um embondeiro, e é a partir da presença dessa árvore que o autor relata alguns segredos populares:

---

<sup>219</sup> Ibid., p. 243.

<sup>220</sup> Ibid., p. 243.

<sup>221</sup> Ibid., p. 243.

<sup>222</sup> COUTO, Mia, *Estórias abensonhadas*, p. 63.

<sup>223</sup> Ibid., p. 63.

Aquela era uma árvore muito sagrada, Deus a plantara de cabeça para baixo.[...] Aquela árvore é capaz de grandes tristezas. Os mais velhos dizem que o embondeiro, em desespero, se suicida por via das chamas. Sem ninguém pôr fogo.<sup>224</sup> Quem fizesse mal ao embondeiro seria perseguido até o final da vida.<sup>225</sup>

A presença do embondeiro, cheio de alegria, incomoda os brancos, que suspeitam do homem devido à sua origem desconhecida. Os adultos proíbem seus filhos de acompanhá-lo, mas uma das crianças não segue essa determinação.

Era Tiago, criança sonhadeira, sem outra habilidade senão perseguir fantasias. Despertava cedo, colava-se aos vidros, aguardando a chegada do vendedor. O homem despontava, e Tiago descia a escada, trinta degraus em cinco saltos. Descalço, atravessava o bairro, desaparecendo junto com a mancha da passarada. O sol findava e o menino sem regressar.<sup>226</sup>

Tiago encanta-se com os ensinamentos do passarinho. Esse universo é desvendado através dos mistérios que envolvem o embondeiro. O menino identifica sua beleza, guardando-a em seu imaginário. É importante notar que o velho passarinho representa a sabedoria que, juntamente com a imaginação de Tiago, transforma o ambiente, pois a partir da “figura aurática e na palavra decisória de um mais velho que um mais novo vai encontrar a indicação mais segura sobre o caminho a percorrer”<sup>227</sup>.

O caminho escolhido pelo menino Tiago surge a partir da presença e dos ensinamentos do passarinho, que lhe apresenta as tradições, fazendo com que o menino passe a acreditar veementemente na mensagem repleta de magia do vendedor de pássaros.

Incomodando a ordem vigente, na qual o homem branco não admite interrupções, o velho passarinho é proibido de passear pelas ruas com seus pássaros e sua gaita “que harmonicava sonâmbulas melodias”<sup>228</sup>. Então, misteriosos fatos passam a ocorrer: “portas e janelas se abriam sozinhas, móveis apareciam

<sup>224</sup> Ibid., p. 64-65.

<sup>225</sup> Ibid., p. 68.

<sup>226</sup> Ibid., p. 64.

<sup>227</sup> PADILHA, Laura Cavalcante, *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*, p. 42.

<sup>228</sup> COUTO, Mia, *Cada homem é uma raça*, p. 63-64.

revirados, gavetas trocadas”<sup>229</sup>. Com esses acontecimentos, os colonos decidem punir o velho passarinho. Tiago, ao ouvir a decisão, resolve avisar o amigo para que fuja. O passarinho, entretanto, não foge, veste seu “fato mesungueiro”, pede ao menino que retorne a casa e fica esperando pelos homens brancos. Quando os colonos chegam, Tiago observa:

Ele viu o passarinho levantar-se, saudando os visitantes. Logo procederam pancadas, chambocos, pontapés. O velho parecia nem sofrer, vegetável, não fora o sangue. Amarram-lhe os pulsos, empurraram-lhe no caminho escuro. Os colonos atrás deixando o menino sozinho com a noite.<sup>230</sup>

Tiago nota que após a partida do passarinho, “as flores do embondeiro tombaram astros de feltro. No chão, suas brancas pétalas, uma a uma, se avermelharam.”<sup>231</sup> O menino segue à procura do passarinho, quando o vê no calabouço da prisão, nota que o sangue cobre todo o seu rosto. O velho tenta tocar sua gaita, mas não consegue, pois estava muito machucado. Atira o instrumento musical pela janela, fazendo-o cair perto do esconderijo de Tiago. O menino junta os pedaços da velha gaita, “aqueles pedaços lhe pareciam sua alma, carecida de mão que lhe fizesse inteira”<sup>232</sup>, ele toca uma música para que o passarinho escute e adormeça.

A narrativa chega ao clímax transformando os ensinamentos do passarinho em realidade a partir dos acontecimentos finais. Tiago acorda com inúmeros pássaros ao seu redor.

Os pássaros! Mais de infinitos, cobriam toda a esquadra. Nem o mundo em seu universal tamanho era suficiente poleiro. Tiago se acercou da cela, vigiou o calabouço. As portas estavam abertas, a prisão deserta. O vendedor não deixara rasto, o lugar restava amnésico. Gritou pelo velho, responderam os pássaros.”<sup>233</sup>

O passarinho desaparece, o menino retorna até a árvore, os pássaros o acompanham. Ao chegar na antiga morada do vendedor de pássaros, percebe que as

---

<sup>229</sup> Ibid., p. 66.

<sup>230</sup> Ibid., p. 68-69.

<sup>231</sup> Ibid., p. 69.

<sup>232</sup> Ibid., p. 69.

<sup>233</sup> Ibid., p. 70.

flores que haviam caído do embondeiro recuperam a sua cor original. O menino entra no tronco da árvore, soprando a gaita de beijos. Quando os homens brancos chegam, imaginam que o passarinho está ali e ateam fogo na árvore. Tiago não percebe, pois está sonhando. Acaba consumido pelo fogo, conforme percebemos no último parágrafo do texto:

O menino transitava de reino: arvorejado, em estado de consentida impossibilidade. E do sonâmbulo embondeiro subiam as mãos do passarinho. Tocavam as flores, as corolas se envolviam: nasciam espantosos pássaros e soltavam-se, petalados, sobre a crista das chamas. As chamas? De onde chegavam elas, excedendo a lonjura do sonho? Foi quando Tiago sentiu a ferida das labaredas, e sedução da cinza. Então, o menino, aprendiz da seiva, se emigrou inteiro para suas recentes raízes.<sup>234</sup>

Em cada parte do conto “O embondeiro que sonhava pássaros”, o menino mostra que os ensinamentos do velho vendedor de pássaros se transformam gradativamente em realidade. Fazendo a fantasia fluir, Tiago mostra que a persistência faz parte do seu sonho e no seu imaginário encontra forças para lutar contra a opressão imposta pela sociedade. No esvaziamento interior que os adultos vivenciam nesse conto, Tiago é o sinônimo da grandeza humana, sendo uma criança que pensa além dos limites existentes, acreditando no impossível, ao tentar alcançar o mundo através de seu sonho.

Mia Couto desperta os sentidos mais íntimos dos homens ao pensar na existência de um mundo em que as fronteiras do nosso ser se embatem cada vez mais e o homem vai progressivamente perdendo a sua simplicidade. Tiago é, portanto, a resistência a essa atitude. Nada pode ser mais simples do que a credibilidade dessa criança que crê nos mistérios e na magia do embondeiro, transformando-se em parte da própria árvore e do seu encanto.

No conto “Nas águas do tempo”<sup>235</sup>, a partir de dois personagens centrais, o avô e o neto, é relatada a forma como os conhecimentos e as experiências da vida do avô passam a fazer parte da realidade do menino.

<sup>234</sup> Ibid., p. 71.

<sup>235</sup> COUTO, Mia, *Estórias abensonhadas*, p. 9.

O neto é simultaneamente o narrador e o personagem, quando relembra, em primeira pessoa, as aventuras vividas com o avô ao passear em um “pequeno concho”<sup>236</sup>, em um rio que deságua em um grande lago. Ignorando os temores de sua mãe, os dois aventureiros continuam suas expedições.

O avô, mesmo aparentando certa fragilidade, ao apertar o neto como “um cego desbengalado”<sup>237</sup>, é extremamente admirado por ele, pois o menino reconhece a sua superioridade, como mostra a seguinte passagem: “era ele que me conduzia, um passo à frente de mim. Eu me admirava de sua magreza direita, todo ele musculíneo. O avô era um homem em constante infância”<sup>238</sup>.

A estória se passa em dois ambientes específicos: a casa e o rio. A casa é o espaço familiar em que a mãe demonstra sua racionalidade, através das advertências sobre os perigos dos passeios do menino e do velho. O rio representa o lugar no qual ocorrem as aventuras dos dois personagens. Ali, o avô aconselha o neto, ensinando-lhe a coragem e a maravilhosa “novidade de viver”<sup>239</sup>.

Dentre todos os ensinamentos do avô, o velho explica ao menino os mistérios do lago. Local misterioso que o velho trata com muito respeito, pois vê e percebe fatos que o neto, primeiramente, não compreendia:

Aquele era o local das interditas criaturas. Tudo o que ali se exhibia, afinal se inventava de existir. Pois, naquele lugar se perdia a fronteira entre a água e terra. Naquelas inquietas calmarias, sobre as águas nenufarfalhudas, nós éramos os únicos que preponderávamos. Nosso barquito ficava ali, quieto, sonecendo no suave embalo. O avô, calado, espiava as longínquas margens. Tudo em volta mergulhava em cacimbações, sombras feitas da própria luz, fosse ali a manhã eternamente ensonada. Ficávamos assim, como em reza, tão quietos que parecíamos perfeitos. De repente meu avô se erguia no concho. Com o balanço quase o barco nos deitava fora. O velho, excitado, acenava. Tirava seu pano vermelho e agitava-o com decisão. A quem acenava ele? Talvez era a ninguém. Nunca, nem por instante, vislumbrei por ali alma deste ou de outro mundo. Mas o avô acenava seu pano.<sup>240</sup>

---

<sup>236</sup> Ibid., p. 9.

<sup>237</sup> Ibid., p. 9.

<sup>238</sup> Ibid., p. 9.

<sup>239</sup> Ibid., p. 9.

<sup>240</sup> Ibid., p. 10.

As aventuras dos dois continuam, os ensinamentos do avô persistem. O velho desvenda um mundo desconhecido, revelando segredos e mistérios, como a existência do fantasma namwetxo moha “que surgia à noite e era feito só de metades: um olho, uma perna, um braço”<sup>241</sup>. O velho explica, também, pela sabedoria popular a origem do primeiro homem: “Estávamos na margem onde os verdes se escançam, aflautinados. Dizem: o primeiro homem nasceu de uma dessas canas.”<sup>242</sup>

Quando o menino tem o ímpeto de descer do barco, a força do lago o puxa para baixo. O avô pede, então, que o neto acene juntamente com ele. Inesperadamente, a força cessa, o velho pede silêncio e explica-lhe:

*... nós temos olhos que se abrem para dentro, esses que usamos para ver os sonhos. O que acontece, meu filho, é que quase todos estão cegos, deixaram de ver esses outros que nos visitam. Os outros? Sim, esses nos acenam da outra margem. E assim lhes causamos uma total tristeza. Eu levo-lhe lá nos pântanos para que você aprenda a ver. Não posso ser o último a ser visitado pelos panos.*<sup>243</sup>

O neto, contudo, só consegue perceber os mistérios do lago no momento em que o avô faz a passagem para o além. Nesse momento, o menino começa a ver todos os acontecimentos misteriosos que o avô sempre lhe explicava:

Pela primeira vez, eu coincidia com meu avô na visão do pano. Enquanto ainda me duvidava foi surgindo, mesmo ao lado da aparição, o aceno do pano vermelho do meu avô. Fiquei indeciso, barafundido. Então, lentamente, tirei a camisa e agitei-a nos ares. E vi: o vermelho do pano dele se branqueando, em desmaio de cor. Meus olhos se neblinaram até que se poentaram as visões.<sup>242</sup>

No final, o menino cresce, torna-se pai e repassa para seu filho tudo o que havia descoberto com o avô. Dá continuidade ao processo de passagem das tradições,

---

<sup>241</sup> Ibid., p. 11.

<sup>242</sup> Ibid., p. 11.

<sup>243</sup> Ibid., p. 12.

<sup>242</sup> Ibid., p. 13.

tornando imorredoura a sabedoria nativa, ao afirmar “a esse rio volto agora a conduzir meu filho, lhe ensinando a vislumbrar os brancos panos da outra margem.”<sup>243</sup>

Esse contato com o velho, guardião das tradições, permite que haja transformações para além da realidade compreensível, pois o mito permanece, traçando um elo entre os mistérios do passado e a realidade. Esta ação é exercida pelos velhos: “a razão deste mundo estava num outro mundo inexplicável. Os mais velhos faziam a ponte entre esses dois mundos.”<sup>244</sup>

Este mundo, representado por Mia Couto, encontra-se repleto de mitos, habitado pelos espíritos dos antepassados. O avô detém pleno conhecimento desta realidade, transposta para seu neto. Como diz Bosi:

Os espíritos dos antepassados podem reaparecer quando chamados pelos crentes, porque tudo aquilo que eles foram não desapareceu: existe ainda agora, continua vivo. Os séculos não destruíram as entidades que neles viveram, o tempo ontológico dos espíritos está fora e liberto do tempo do relógio, embora possa habitá-lo e penetrá-lo nos momentos de epifania.<sup>245</sup>

Caracterizando esse velho como o guardião das tradições, há uma valorização da memória cultural interligando o passado e o presente. São os velhos aqueles que detêm os conselhos mais sagrados do povo.

Os velhos eram, desse modo, os detentores das “narrações exemplares”, relatos que tocavam o maravilhoso próprio dos mitos e acendiam nos ouvintes, centelhas de sonho, tatuando neles, com o recurso das emoções, a história coletiva, por meio da qual se construía a memória cultural e social.<sup>246</sup>

Neste conto “As águas do tempo”, a magia torna-se realidade através do desvendar dos segredos da “outra margem do rio”, a partir da figura sagrada do avô. O menino adquire essa experiência e um dia a repassa para seus filhos, dando continuidade à tradição e fazendo, assim, com que a memória se perpetue através dos tempos.

<sup>243</sup> Ibid., p. 13.

<sup>244</sup> COUTO, Mia, *Terra sonâmbula*, p. 18.

<sup>245</sup> BOSI, Alfredo, *O tempo e os tempos*, p. 29.

<sup>246</sup> BOSI, Ecléa, *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*, p. 45.

